

LAURENT GAUDÉ

A PORTA DOS INFERNOS

Tradução de Isabel St. Aubyn

Durante muito tempo, chamei-me Filippo Scalfaro. Hoje, enuncio o meu nome completo, que retomei: Filippo Scalfaro De Nittis. A partir desta manhã, ao nascer do dia, sou mais velho do que o meu pai. Estou de pé na cozinha, em frente da janela. Espero que a água acabe de subir dentro da máquina de café. Dói-me o ventre. Era de prever. O dia hoje será duro. Fiz um café amargo que me sustentará durante longas horas. Vou precisar. No momento em que o café começa a ferver, um avião descola do aeroporto de Capodichino e faz estremecer o ar. Vejo-o elevar-se acima dos prédios. Um enorme ventre plano de metal. Pergunto-me se o avião de despenhará sobre os milhares de habitantes que sobrevoa, mas não, vence o seu próprio peso. Apago o bico do fogão a gás. Passo o rosto por água. O meu pai. Penso nele. É o seu dia. O meu pai – de cujo rosto pouco me lembro. A sua voz extinguiu-se. Às vezes, julgo recordar algumas expressões – mas pertencem-lhe realmente ou reconstruí-as, após todos estes anos, a fim de colmatar o vazio da sua ausência? No fundo, só o conheço quando me vejo ao espelho. Devo ter alguma coisa dele, na forma dos olhos ou no contorno das maçãs do rosto. A partir de hoje, verei o rosto que ele teria se pudesse ter envelhecido. Trago o meu pai dentro de mim. Hoje de manhã, de madrugada, senti-o trepar para os meus ombros como uma criança. Doravante, conta comigo. É hoje que tudo vai acontecer. Há tanto tempo que me preparo.

Bebo devagar o café que ainda fumeja. Não tenho medo. Acabo de regressar do Inferno. Haverá alguma coisa mais temível? A única coisa capaz de dar cabo de mim são os meus próprios pesadelos. À noite, tudo se povoa de novo de gritos de vampiros e de estertores de agonia. Sinto o cheiro enjoativo do enxofre. A floresta das almas cerca-me. À noite, volto a ser uma criança e imploro ao mundo que não me devore. À noite, todo o meu corpo treme e clamo pelo meu pai. Grito, fungo, choro. Os outros chamam a isto um pesadelo, mas eu sei que não é assim. Não teria nada a temer de sonhos ou de visões. Sei que é tudo verdade. Venho de lá. O medo está todo ele dentro de mim. Quando não durmo, não temo nada.

O barulho dos reactores deixou de fazer estremecer as paredes do prédio. No céu, resta apenas uma longa esteira de flocos de algodão. Tinha decidido barbear-me hoje de manhã, mudar de pele, mas não o farei. Sim, farei, é preciso. Esta noite, quero ter o ar mais juvenil possível. Se há alguma hipótese de que ele me reconheça, quero proporcionar-lha. A água que corre no lavatório está suja. Ligeiramente amarela. O tempo do meu esplendor começa hoje. Levarei o meu pai comigo. Preparei a minha vingança. Estou pronto. Que o sangue corra esta noite. Está bem assim. Visto uma camisa para ocultar aos meus próprios olhos a magreza do meu corpo. Nápoles desperta lentamente. Só os escravos se levantam tão cedo. Conheço bem esta hora. É a hora em que as sombras que giram à volta da estação central começam a procurar um sítio onde esconder os caixotes de papelão.

Deslocar-me-ei para o centro da cidade. Não deixarei transparecer nada do meu rosto. Entrarei pela porta de serviço do restaurante como todas as manhãs, nos dois últimos anos. O Restaurante Bersagliera. A via Partenope estará deserta. Nenhum táxi, nenhuma *Vespa*. O marulho dos barcos no porto de Santa Lucia. Os grandes hotéis voltados para o mar parecerão silenciosos como majestosos paquidermes adormecidos. Passarei o dia sem deixar transparecer nada até à noite. O café que tomei ajudar-me-á a suportar tudo.

Sei fazer café como ninguém. É por isso que tenho o direito, às dezanove horas, de passar para a sala. Abandono a lavagem da louça e a cozinha com as bacias cheias de água suja e posto-me em frente da máquina de café. Só faço isso. Não tomo nota de nenhum pedido, não sirvo nenhum prato. A maior parte dos clientes nem me vê. Faço café. Mas celebrei-me em Nápoles. Agora, há clientes que ali vão unicamente por minha causa. Estarei na sala, esta noite, e sorrirei à espera do momento da vingança.

Fecho a porta do meu apartamento. Ao qual nunca mais voltarei. Não levo nada comigo. Só preciso das chaves do carro. Sinto-me forte. Regressei de entre os mortos. Trago recordações de Infernos e medos de fim do mundo. Hoje, renascerei. Começou o tempo do meu esplendor. Fecho a porta. Está bom tempo. Os aviões continuarão a fazer estremecer as paredes dos prédios do bairro de Secondigliano. Descolam todos em direcção ao mar rasando os edifícios. Vou ocupar o meu lugar no Restaurante Bergagliera até anoitecer. Espero encontrá-lo lá. Não estou preocupado. Já não me dói o ventre. Caminho depressa. Doravante, o meu pai acompanha-me. A partir do dia em que repito o seu nome completo, que retomei: Filippo Scalfaro De Nittis.

Permanecer impassível. Passar perfeitamente despercebido e indiferente. Nada na minha expressão ou nos meus gestos deve trair-me. Nem excitação anormal, nem suores preocupantes. Olho-o de soslaio, muitas vezes, mas não posso fixá-lo como gostaria. Tinha a certeza de que ele viria esta noite. Funciona como um relógio. Vem cá todas as quintas-feiras à noite. Às vezes, acompanhado por uma rapariga que passa o serão a rir como uma galinha, ou calada, esboçando trejeitos de actriz. Ou então, ele come sozinho e apressa-se, uma vez paga a conta, a dirigir-se ao hotel onde as mulheres o esperam. Hoje está sozinho. Vi-o entrar, sempre com aquele andar de quem se sente em casa e não duvida um instante da diligência e da aplicação com que vai ser servido. Deixa que lhe dispam o casaco. Espera que lhe cheguem a cadeira para se sentar. Gosta daquilo, dos momentos em que pode sentir o olhar curioso dos clientes das mesas ao lado que se interrogam sobre a identidade daquele homem tão bem tratado quando nada no seu aspecto, no seu traje ou nos seus modos sugere que seja uma pessoa importante. Gosta de ser servido.

A minha paciência foi recompensada. Fiquei muito tempo na cozinha à espera de que o patrão me chamasse para fazer os cafés. Um longo momento. A impressão de esfregar sempre o mesmo prato, de retirar sempre a mesma louça da mesma máquina. Mas,

quando os primeiros clientes chegaram à sobremesa, ouvi a voz seca do patrão chamar-me à sala. Limpei as mãos a um pano pensando intensamente que a partir dali a noite era minha e poderia fazer o que quisesse. Tirei o avental branco e postei-me em frente da máquina de café. As duas americanas da mesa 8 pediram *capuccinos* para acompanhar o prato de massa. O empregado de mesa acaba de me dizer com um trejeito de repulsa perante tal sacrilégio. Executo o pedido o mais lentamente possível, a fim de poder observá-lo. O barulho de todas as conversas juntas eleva-se e ressoa na grande sala envidraçada. O cafarnaum das refeições enche-me o espírito. Os empregados de mesa andam num vaivém, diligentes, arrastando os pés pelos ladrilhos. Passam por mim sem me ver, de ar apressado, lançando-me por vezes uma ordem, de dentes cerrados. Um café para a 7. Olho para as minhas mãos para ver se tremem, mas não, o meu corpo está calmo. Estou com certeza mais pálido do que habitualmente, mas quem se preocupa com isso? Regressaram as dores de ventre, só isso, como pontadas longínquas, recordação de uma agressão sofrida há muito tempo e da qual nunca me recompus. O patrão aproxima-se de mim. Lentamente. Diz-me que a 18 quer falar comigo. Levanto a cabeça. É o *ingegnere* que ocupa a 18. Sei o que tenho a fazer. O *ingegnere* é um cliente antigo. Terminada a refeição, quer recorrer aos meus talentos. Aproximo-me da mesa. O homem sorri-me. Diz-me que comeu bem e que, agora, gostaria de um cafezinho, mas um a sério, não um desses descafeinados em série, diz que precisa de dormir bem naquela noite, mas que não consegue habituar-se ao sabor do descafeinado. Pergunta-me se consigo resolver-lhe o problema. Respondo com um aceno da cabeça. Pisca-me o olho. Eu consigo fazer tudo. Ele sabe-o. Volto para junto da minha máquina. Sou o rei do café. É por isso que trabalho aqui. De contrário, um piolhoso como eu nunca poderia aspirar a semelhante emprego. Em Nápoles, ninguém poderá gabar-se de fazer melhores cafés do que eu. Herdei esta qualidade do meu pai. Não do primeiro, do outro: Garibaldo Scalfaro. Ele próprio herdara-o do tio. Sei fazer cafés para todos os gostos, todas as disposições. Violento como um bofetão para acordar de manhã. Espesso e suave para curar

uma dor de cabeça. Untuoso para chamar a si a volúpia. Robusto e tenaz para não adormecer. O café para esperar. O café para ficar fora de si. Doseio como um alquimista. Utilizo especiarias que o palato não sente mas que o corpo reconhece. O *ingegnere* da mesa 18 dormirá bem de noite e acordará amanhã sem sentir a cabeça pesada. Sorrio. Nas ultimas semanas, o patrão tem-se esforçado por salientar os meus talentos. Aguarda os novos cartões que encomendou e nos quais mandou acrescentar o «café magia Da Bersagliera». Peça aquilo de que precisa, os seus desejos serão satisfeitos... Aproveitou para aumentar o preço, bem entendido. Em breve, serei eu a atracção do estabelecimento... Sorrio. Nada disto chegará a acontecer. Esta noite, farei o meu último café e será para o homem que espio há horas: Toto Cullaccio. E quando chegarem os novos cartões do patrão, rutilantes, já cá não estarei, e ele não terá outro remédio senão deitá-los fora, amaldiçoando-me.

Toto Cullaccio, não desvio os olhos dele, acabou de comer o prato de calamares fritos. Sujou-se com a massa à *amatriciana*. Como sempre. Treme-lhe um pouco a mão e o garfo prega-lhe partidas. Foi uma bênção não ter morrido antes de chegar esta noite. Toto Cullaccio. Dir-se-ia um funcionário dos Correios aposentado. Perdeu o cabelo, os dedos incharam. Mas eu sei do que ele é capaz. Sei por que razão se sente à vontade em toda a parte e por que razão no momento em que me chama com a mão, de ar irritado, não o faz como um cliente a um empregado, mas como um dono ao seu cão.

Pouso o trapo atrás do balcão. Aproximo-me. Quando chego ao pé dele, faz-me um sinal para me debruçar a fim de poder falar-me ao ouvido, e murmura-me numa voz obscena que a noite ainda não acabou, vai juntar-se a duas bonitas raparigas, a tender para o caro, mas já não tem o vigor de antanho, sobretudo depois da refeição que acaba de saborear. Segreda-me que não se preocupa porque sabe que sou capaz de lhe preparar um café especial para fazer boa figura. Não espera por nenhuma resposta. Sabe que é possível. Retomo a minha máquina. O meu corpo empolga-se.

Começo a suar. O sangue pulsa-me nas têmporas. Escorro suor. Sinto cólicas que me revolvem as tripas. Como se sangrasse de novo. Vou ter de me aguentar. Sou uma criança ajoelhada no chão. Ouço a voz do meu pai que se afasta. Preciso de me recompor. De não permitir que as visões e os medos me dominem. É esta noite. Agora. Daqui a poucos segundos. O meu pai tem sede. Chama-me. O café acaba de encher a chávena. Não lhe acrescentei nada. Não tem nenhuma importância. Não terá nenhuma virtude mas Toto Cullaccio não o beberá. Pouso o pires e a chávena no tabuleiro. Também pouso uma faca. Dirijo-me a Toto Cullaccio. Está calor. É por um triz que não derrubo um jarro de água ao passar demasiado perto de uma mesa. Dói-me o ventre. Agora, estou muito perto dele. Antes que ele me sinta nas suas costas, profiro o seu nome em voz alta, digo Toto Cullaccio e ele sobressalta-se. As mesas mais próximas calaram-se porque gritei o seu nome em voz alta e continuo imóvel e pálido sem que se saiba porquê. O homem voltou-se e está a fixar-me com um ar furi-bundo. Os nossos olhares cruzam-se. É ele. Reconheço-o. Então, prossigo e declaro chamar-me Pippo De Nittis, o que se torna estranho. Todo o restaurante ouviu. Falei em voz alta. As cabeças voltam-se para mim. Interrompem-se as conversas. O homem prepara-se para me perguntar o que quero, o que faço ali, atrevendo-me a chamá-lo pelo nome e dizendo-lhe o meu, o que não lhe interessa absolutamente nada. Não lhe dou tempo. Largo o tabuleiro, o café, o copo de água, espalha-se tudo aos meus pés num barulho de louça estilhaçada e espeto-lhe a faca no ventre. Ouvem-se gritos vindos de todo o lado. Tudo se crispa. A estupefacção apodera-se dos corpos e deixa os clientes boquiabertos. Gosto daquele silêncio à minha volta. Quero que me vejam. Que possam contar, mais tarde, o que viram. Tive o cuidado de não espetar a faca até ao cabo. Não quero matá-lo. Quero que sinta dores, e gema, e chore, mas não que as suas tripas se espalhem pela mesa. Agora, procedo rapidamente. Passo por trás de Cullaccio e a faca desliza-lhe pela garganta. Tudo se acelera. Já não me dói o ventre. Ouço tudo. Vejo tudo. As mulheres mal podem acreditar. Os homens não conseguem levantar-se da cadeira, tão intenso é o

medo. Cullaccio começa a gritar de dor. Já tem a camisa manchada de sangue. Forço-o, por simples pressão da lâmina na carne, a levantar-se. Este movimento deve rasgar-lhe o ventre, mas executa-o. De passagem, derrubo uma ou duas mesas. Atingimos a porta de entrada. Ninguém se lembra de tentar deter-nos. Cullaccio geme como um cão. Sei o que é. Eu também gritei como ele, há anos, dobrado sobre o ventre, sem conseguir retomar o fôlego. Era então uma criança. Ele esqueceu-se de tudo isto. Está bem assim. Terá todo o tempo para se lembrar. Saímos do restaurante. O ar do porto fustiga-me o sangue. Interrompemos o silêncio dos barcos de Santa Lucia. O carro espera-nos. O mais difícil é subir as escadas para alcançar a via Partenope. A cada novo esforço, sinto-o gemer de dor. Cullaccio é uma baleia que claudica e chora e implora-me, creio, mas não presto atenção às suas súplicas. A minha facada foi perfeitamente conseguida. Deixei-o com força suficiente para caminhar. Não desmaiou. Agora chegámos. Ordeno-lhe que abra a portinhola do carro. Empurro-o para o assento do passageiro da frente. Enrosca-se como uma lesma que finalmente tem oportunidade de lambe as feridas. Ouço-o chorar agarrado ao ventre. Espalha sangue por toda a superfície do assento. Dou a volta ao veículo, com a faca ainda na mão. Chegou a minha vez de bater com a porta. Sento-me ao lado dele. Está uma bela noite, húmida e serena. Sinto-me contente. Teremos tempo.